



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

CONFIGURAÇÕES NARRATIVAS: AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL COMO LOCUS DE REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO

Francielle Maria Modesto Mendes¹
Francisco Aquinei Timóteo Queirós²

1. Introdução

O presente estudo contém alguns apontamentos sobre a construção do imaginário da Amazônia brasileira, especificamente, no que se refere ao Acre. Constata-se em muitas narrativas literárias, históricas e nos meios de comunicação a limitação de se pensar a Amazônia a partir unicamente de uma figura essencializada, como as imagens dos indígenas ou dos seringueiros, por exemplo.

De acordo com o pensamento de João de Jesus Paes Loureiro (1995), a Amazônia sempre se apresentou como um manto de mistério, distância e intemporalidade. O autor afirma ainda que a Amazônia possui uma cultura dinâmica, original e criativa, que cria sua própria realidade. Em outras palavras, essa região possui “uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda” (LOUREIRO, 1995, p.30).

Essa aproximação entre o sujeito da Amazônia e a natureza é responsável por muitos pré-conceitos em relação à população dessa parte do Brasil. Neste artigo, aponta-se essa relação como um dos aspectos influenciadores para que os amazônidas sejam interpretados pelos “estrangeiros” como não civilizados, atrasados e pitorescos.

A região amazônica e seus habitantes são observados a partir de inúmeros estereótipos imagéticos e discursivos. Usa-se dos estereótipos para caracterizar a Amazônia constantemente como exótica e misteriosa, homogeneizando-a. Para Durval Muniz de Albuquerque Junior (2012), esse discurso da estereotipia é repetitivo e caricatural. “É uma fala arrogante, de quem se considera superior ou

¹ Professora Doutora na Universidade Federal do Acre (UFAC), email: franciellemodesto@gmail.com

² Professor Mestre na Universidade Federal do Acre (UFAC), email: aquinei@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

está em posição de hegemonia, uma voz segura e autossuficiente que se arroga no direito de dizer o que o outro é em poucas palavras" (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 13). Dessa forma, anulam-se as multiplicidades e diferenças individuais em nome de reducionismos.

Conforme o pensamento de Francisco Foot Hardman (2009), a Amazônia é uma construção discursiva e sua representatividade é constituída a partir de um imaginário. Nesse sentido, a região está eivada de lugares-comuns, relatos e ficções, que validam seu *topos* geográfico como espaço de homogeneização. Ainda de acordo com o pesquisador, isso acontece nos locais onde a "história ainda não conseguiu fixar marcas simbolicamente eficazes, os cenários são descritos como de geografias selvagens, natureza bruta, populações errantes e dispersas" (HARDMAN, 2001, p. 297).

Esses aspectos podem ser percebidos a partir da conformação discursiva presente desde os viajantes conquistadores que chegaram à região amazônica nos séculos XVI e XVII. Por meio de suas crônicas, eles apresentaram um discurso fantasioso e transpuseram para a região amazônica o imaginário europeu. Além deles, os viajantes cientistas também trouxeram o discurso da modernidade e instauraram a dicotomia civilização *versus* barbárie.

Ressalta-se que os europeus foram os primeiros viajantes a chegarem à região e que grande parte das impressões mantidas até o tempo presente é proveniente dos cronistas de viagens. Essas narrativas revestidas de um imaginário e de uma representação conferem à Amazônia um sentido alheio ao tempo efetivo de suas práticas sociais, ou seja, enxerga-se a região amazônica de forma una e homogênea, como 'selva amedrontadora', 'inferno verde', habitada unicamente por índios (como se isso fosse um demérito).

A ideia é caminhar em direção contrária aos que veem a Amazônia como terra uniforme, observando as multiplicidades e divergências de seus povos. Para tanto, faz-se a análise, no presente artigo, de trechos de matérias jornalísticas publicadas na imprensa, com o objetivo de identificar os imaginários e as representações sustentados aos longos dos tempos.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

2. Imaginário e representações

Para Miquel Rodrigo Alsina (2009), a notícia é uma representação social da realidade cotidiana e que se manifesta na construção de um mundo possível. Ela gera sentido e noção de organização da realidade. De outro modo, ao ler determinada informação, as pessoas passam a atribuir sentido e fazer associações entre o que foi publicado nos meios de comunicação e o acontecido.

No tocante à Amazônia acreana, percebe-se que as informações se concentram em destacar aspectos da fauna e da flora, dando contornos de exotismo ou ainda ressaltar o retrocesso da região e o primitivismo de seus povos. Para Luciana Murari (2009), o exotismo é tão somente a imaginação do diverso como forma alternativa de percepção do mundo, ele não produz uma compreensão exata do objeto, e sim imediata.

Sob essa perspectiva, Alsina (2009) dialoga com pensamento de Stuart Hall (1981), para explicar que a mídia atende a três funções básicas. Primeiro, ela articula e constrói o conhecimento social. Em segundo lugar, a mídia busca refletir e se ver refletida. E por fim, ela cumpre o papel de organizar e juntar o que tem sido representado e classificado seletivamente.

A aplicação dessas características pode ser notada na matéria veiculada pelo site G1/AC, de 19 de fevereiro de 2016, cuja reportagem intitula-se "Filhote de onça criado como gato por família no AC é resgatado pela polícia":

Um filhote de onça pintada foi resgatado, nesta quarta-feira (17) pelo Batalhão Ambiental da Polícia Militar. A onça foi achada há três meses por uma família de Mâncio Lima, interior do Acre, às margens de uma estrada, e era criada como um gatinho, segundo a polícia. O animal se trata de um macho de onça pintada. (...) O major explica ainda que a mulher é livre de punição porque entregou o animal de livre e espontânea vontade. "Ela não teve a intenção de prendê-lo em cativeiro, realmente era tratada como um gatinho da família. Segundo a legislação, quando você entrega voluntariamente se livra de medidas punitivas", diz. (MUNIZ, 2016, G1/AC)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

No excerto em estudo, percebe-se que a reportagem veiculada pelo *G1/AC* constrói sua narrativa sob o viés do exótico e do estereótipo. O título da matéria propõe um pacto de leitura que se arquiteta sob a premissa de que é comum no estado do Acre que as famílias criem filhotes de onça como gato de estimação. A forma como a narrativa sobre a Amazônia Sul Ocidental se articula no noticiário pressupõe um imaginário social que engendra os modos de aparecer, de dizer e de conferir sentido para a região.

A narrativa da notícia centra-se, pois, na apresentação de fatos sobre a Amazônia, de forma essencializada, homogênea, naturalizada, limitando-a a parâmetros de interpretação centrados na conformação imagético-discursiva dos *media*, isto é, na representação de um paradigma sobre os aspectos histórico-sociais do povo amazônida.

Retomando as premissas de Hall (1981) sobre as funções básicas da mídia, percebe-se que o site *G1/AC* atua na manutenção do imaginário social sobre a Amazônia por meio da organização do espaço como totalidade vivenciada e inteligível. Nesse sentido, a mídia fornece discursos a partir dos quais são articulados significados, práticas e valores sobre a região.

Na matéria em análise, verifica-se outro atributo da mídia: refletir e se ver refletida. Nesse aspecto, a notícia veiculada pelo *G1/AC* localiza, qualifica e classifica os fatos de acordo com um mapa da realidade social. De acordo com Alsina (2009), “essas qualificações são avaliativas e normativas. Ou seja, elas determinam quais as realidades que são aceitáveis e quais não o são” (ALSINA, 2009, p. 71). No exemplo em estudo, a mídia categoriza o léxico, o estilo de vida e o discurso sobre a Amazônia Sul Ocidental, centrando-a sob o viés do exotismo.

O site *G1/AC* exerce a função de estruturar e agrupar o que tem sido representado e classificado seletivamente sobre a região, como, por exemplo, os estereótipos sobre a Amazônia. Em outras palavras, os *media* estabelecem um consenso e categorizam uma legitimidade representativo-simbólica sobre a espacialidade, sobre os sujeitos e sobre as realidades da região amazônica.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Essas representações permitem a construção de um imaginário reducionista a respeito da Amazônia brasileira. De acordo com Sandra Pesavento (1995), o imaginário é sistema produtor de ideias e imagens, é sempre um sistema de representações sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente.

No livro *Olhos de Madeira* (2001), Carlo Ginzburg traz um ensaio sobre a origem da palavra representação. A origem do termo remonta ao século XIII, chamando-se *représentation* aos manequins de cera exibidos junto ao cadáver dos reis franceses e ingleses durante as cerimônias funerárias. Enquanto o soberano era velado, a presença do manequim era um testemunho à transcendência do rei e a sua presença futura do mundo dos mortos. O manequim tinha a função de lembrar aos presentes que o rei havia assumido outra forma e nessa nova forma, o rei continuaria presente para seus súditos.

Assim, desde sua origem a palavra representação está associada a uma forma abstrata de descrição do mundo. O uso do manequim como representação do soberano morto é apenas um exemplo do problema mais geral da construção de abstrações que descrevem o mundo. Por outro lado, “a representação faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença” (GINZBURG, 2001, p. 85).

A representação envolve uma relação ambígua entre a ‘ausência’ e a ‘presença’. No caso, a representação é a presentificação de um ausente. Um dos sentidos de representar é falar em nome do outro, colocar-se no lugar de outro distante no espaço e no tempo, estabelecendo relações. As representações do mundo social não se medem por critérios de veracidade ou autenticidade, mas sim pela capacidade de mobilização e credibilidade.

Nesse contexto, a tarefa do jornalista, bem como dos demais narradores e/ou formadores de opinião, é construir uma representação a partir das que já estão feitas. Porém, Alsina (2009) ressalta que as representações podem mudar de acordo com as circunstâncias de cada momento e da perspectiva dos observadores. Dessa forma, as narrativas têm a tarefa de repensar o passado, oferecendo uma nova



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

leitura, e fazendo com que o critério da veracidade possa ser substituído pelo da verossimilhança.

3. A ‘amazonização’ dos amazônidas

Uma das dificuldades de romper com o imaginário e os conceitos pré-estabelecidos sobre a Amazônia é o fato de que os próprios moradores da região se ‘amazonizam’, ou seja, eles absorvem as representações e se tornam aquilo que os outros/as “estrangeiros” à região pensam que eles são. A população passa a viver as dicotomias e os atrasos que lhes são atribuídos, acrescentando esses elementos as suas constituições identitárias.

Por exemplo, em 2015, o estado do Acre viveu a maior cheia da sua história quando o rio Acre atingiu 17,88 metros. O recorde anterior era de 17,66 metros. Enquanto as pessoas eram retiradas de suas casas e transferidas para abrigos públicos, os internautas acreanos faziam “memes” (imagens bem humoradas) da situação incluindo nas fotografias sobre a enchente, divulgadas pela imprensa, a imagem de dinossauros, Titanic, piratas, cobras, entre outros elementos.

Esse é um exemplo do processo de ‘amazonização’. Os próprios acreanos reforçaram na internet a ideia de exotismo da região, reafirmando a presença de seres esdrúxulos e inexistentes, caso dos piratas e dos dinossauros, e de animais perigosos, como as cobras, que constantemente são associadas à Amazônia.

O conceito de Amazônia é resultado de uma construção discursiva, como afirma Ana Pizarro: “Esta região do imaginário é a história dos discursos que a foram erigindo, em diferentes momentos históricos, dos quais recebemos apenas uma versão parcial, a do dominador” (PIZARRO, 2012, p. 33). A Amazônia é uma área cujo traço mais geral foi construído pelo pensamento externo aos que nela vivem. A região tem sido pensada, ao longo dos séculos, através de imagens construídas pelos outros, sobre o que eles entendem a respeito da região. O problema é quando os autóctones absorvem essas concepções e passam a naturalizá-las.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A imagem da Amazônia está relacionada com a construção desses discursos e, principalmente, com a forma como eles expressam a relação do homem com a natureza. Ressalta-se, que o jornalismo ao debater a região amazônica, mantém a constante dualidade paraíso/inferno construída, principalmente, devido à presença da selva na vida dos moradores da região.

O texto intitulado “Isolado em reserva no AC diz não trocar paraíso pelo inferno da cidade”, publicado em 14 de fevereiro de 2014, no *G1/AC*, é um exemplo de que ainda se vive na Amazônia sob a égide da dicotomia inferno/paraíso. A partir da leitura do título e do *lead*, percebe-se isso:

‘Deus me defenda! Como é que eu vou trocar o paraíso pelo inferno?’, diz, quase ofendido, o seringueiro Francisco Lima, de 65 anos, ao ser indagado sobre a possibilidade de viver na ‘cidade grande’. O ‘paraíso’ a que se refere seu Chiquinho Gabarito, como é conhecido na comunidade onde vive, fica no interior do Acre, às margens do igarapé Santo Antônio, afluente do rio Caeté, na Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema, no município de Sena Madureira (AC), distante 136 km de Rio Branco (NATANI, 2014, *G1/AC*).

Notícias como a citada anteriormente mantém a região amazônica rodeada pelo encantamento da floresta, uma espécie de magia que sustenta os moradores das comunidades tradicionais, reservas extrativistas, entre outras, afastados das cidades. A definição de Pizarro (2012), que diz ser a selva um centro mítico de construção do imaginário, ajuda-nos a compreender o porquê do jornalista, por vezes, optar por esse enquadramento da notícia.

Nesse universo ‘encantado’, existem ainda figuras ligadas à água ou à selva, que se recriam e se transformam permanentemente no imaginário popular, são elas que explicam e dão sentido a sua relação com a natureza e com os demais seres humanos. Exemplos como esses podem ser observados nos relatos publicados em uma revista de circulação regional chamada *Amazônia S/A*.

A fala a seguir é sobre uma viagem feita pela equipe de reportagem ao Parque Nacional da Serra do Divisor, localizado entre as bacias hidrográficas do Vale do Médio Rio Ucayali no Peru e do Alto Juruá no Brasil. Apesar de acreana, a jornalista faz observações repletas de espantos e exageros. O relato é de 2011 e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

ressalta uma paisagem repleta de animais, que lembram as crônicas do europeu Gaspar de Carvajal, escritas no século XVI:

Os dias quase sempre quentes e com sol garantem uma viagem tranquila. A lentidão da embarcação possibilita uma observação de detalhes inesperados como macacos barulhentos fazendo seu habitual arborismo, pássaros variados e nem sempre de fácil identificação, passagem de sucuris pelas margens e a presença marcante dos piuns (MIRANDA, 2011, p. 32).

Essa fusão entre realidade e fantasia atormenta tanto os “estrangeiros” quanto os autóctones. O relato da repórter deixa transparecer bastante normalidade na relação entre os moradores, a fauna e a flora amazônica. É como se nessa região do Brasil encontrar uma sucuri fosse absolutamente corriqueiro, parte do cotidiano de todos os moradores.

A revista *Amazônia S/A* tem a mesma concepção do *G1/AC*. Acredita que se estamos em um estado da Amazônia, as notícias devem girar em torno da fauna amedrontadora da região. Esses veículos cometem o equívoco de enfatizar as características que normalmente são atribuídas a essa localidade sem se preocupar em readequar as representações, como afirma Alsina (2009), aos diferentes tempos e aos contextos distintos.

4. Mitos e lendas

Os mitos e as lendas também povoam o imaginário a respeito da Amazônia. De acordo com a pesquisadora Laélia Silva, “a linguagem denuncia que qualquer olhar sobre essa terra está contaminado pelos mitos e lendas que se incorporam à invenção do *paraíso* e do *inferno verde*”. (SILVA, 1998, p. 23).

Como exemplo disso, tem-se o boto. Ele é um ser mitológico que ocupa espaço nas culturas amazônicas mesmo no século XXI. De acordo com as narrativas populares, ele seduz as jovens para engravidá-las e tem o poder de encantar homens, mulheres e crianças. Mesmo com o passar dos séculos, o



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

imaginário permanece impregnado à população amazônida. Ou seja, ainda é possível encontrar pessoas que afirmam ter sido ‘encantadas’ pelo animal.

Na passagem a seguir, extraída de um site de notícias acreano, um morador do vale do Juruá diz que começou a passar mal, logo após ter dado um tiro em um boto. O episódio aconteceu enquanto ele pescava na companhia de um primo.

Depois de atirar num boto que estava perturbando sua pescaria Valdecir da Costa Souza, 20 anos, passou a apresentar perturbações psicológicas e afirma que os animais estão o atraindo. Além de ouvir vozes ele vê um homem sentado numa pedra no rio tentando levá-lo para a água e o problema está preocupando os familiares (VOZ DO NORTE, 2013).

A família do rapaz teme o animal desde que o avô dele sumiu nas águas do rio Juruá, supostamente encantado. Depois disso, o pai, José Alberto de Souza, e o próprio filho, Valdecir da Costa Souza, também ‘sofreram ataques’ e começaram a ver a imagem de um homem em cima de uma pedra, que afirma que eles serão levados pelo boto.

O pai pescador, José Alberto de Souza, 62, conta que também já foi vítima de um boto, quando estava com amigos madeireiros nas margens de um igarapé na fronteira com o Peru. Eles jogavam baralho quando sentiu (sic) algo estranho no corpo e via um homem sobre uma pedra no igarapé que tentava levá-lo para a água.

José Alberto afirma que tudo começou depois que seu pai desapareceu nas águas do Rio Juruá, encantado por um boto. “Meu [pai] estava numa canoa que naufragou e vários botos começaram a boiar no local, ele nunca foi encontrado. Depois ele apareceu para minha esposa dizendo que estava em um boto e que eu precisava desencantá-lo. Ela me disse antes mesmo dele aparecer três vezes, depois disso nunca mais voltou”, ressaltou (VOZ DO NORTE, 2013).

A partir desse relato, vê-se o quanto as representações e os imaginários atravessam os sujeitos sociais, emoldurando os seus modos de construção de vida e marcando traços de sua identidade. Mesmo com o decorrer do tempo, os habitantes da floresta acreditam que ainda podem ser ameaçados pelos mitos e lendas construídos ao longo da história. As narrativas relatadas no passado continuam sendo vivenciadas no presente pelos moradores da Amazônia, por isso a população segue se ‘amazonizando’.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Nas palavras de Stuart Hall (2006), os mitos moldam os imaginários, influenciam nossas ações, conferem significados às vidas e dão sentido a história:

Os mitos fundadores são, por definição, transistóricos: não apenas estão fora da história, mas são fundamentalmente aistóricos. São anacrônicos e têm a estrutura de uma dupla inscrição. Seu poder redentor encontra-se no futuro, que ainda está por vir. Mas funcionam atribuindo o que predizem à sua descrição do que já aconteceu, do que era no princípio (HALL, 2006, p. 29).

Mais um exemplo de imaginário mítico é a lenda das Amazonas, que foi trazida da Europa. Elas estão incorporadas às figuras básicas do imaginário devido aos relatos do frei Gaspar de Carvajal. Na verdade, segundo Pizarro (2012), o cronista dominicano projeta a cidade medieval para Amazônia, pois esse era o único sistema social que ele conhecia. Dessa forma, ele constrói a imagem de mulheres medievais habitando um lugar paradisíaco repleto de riquezas naturais.

Essas mulheres são descritas como fortes, aterrorizantes, dominadoras e de forma erotizadas. O perfil delas está relacionado não só com o conhecimento que o cronista já tinha sobre a lenda existente em outras regiões, mas também com a carência sexual vivida pelos viajantes. A expedição era longa e, geralmente, não havia mulheres. Sendo assim, para Pizarro (2012), a constituição do imaginário a respeito das Amazonas está intimamente ligada com as carências e necessidades físicas dos cronistas que chegavam a passar anos em expedição em meio à floresta.

Além do boto e das Amazonas, pode-se citar também o curupira, figura lendária que habita a floresta para protegê-la. Segundo Pizarro (2012), o popular personagem do curupira recebe denominações diferentes e apresenta grande vitalidade no imaginário popular atual. Ele é descrito ora como uma criatura com os pés ao contrário e, em outro momento, aparece apenas com o pé defeituoso. Há indícios na Europa de que lá havia uma criatura semelhante a esta. A pesquisadora afirma ainda que um personagem parecido ao Curupira está documentado no texto do cronista Acuña.

Assim como Pizarro, Marcos Frederico Krüger (2011) também acredita que o curupira é mito originário de outra região que não a Amazônia. Para o pesquisador,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

“pode-se admitir que a transposição do curupira à Amazônia ocorreu pela ação dos missionários, de vez que não encontramos registro dele em livros confiáveis da mitologia regional” (KRÜGER, 2011, p. 198).

Existe uma construção de imaginários destes povos que são da cultura essencialmente oral. Nestas construções, a história, os temores e as expectativas das comunidades vão se juntando, num imaginário que incorpora as vidas individuais ao destino do povo.

O universo mítico amazônico tem se confrontado com a modernização promovida por diferentes instituições e em diferentes momentos. Porém, esses ‘seres encantados’ seguem ocupando um lugar de destaque na vida das comunidades amazônicas.

Em outro trecho da Revista *Amazônia S.A.*, de Junho/Julho de 2011, ainda sobre o Parque Nacional da Serra do Divisor, destaca-se, novamente, a manutenção do imaginário social e a absorção que o morador tem da visão do estrangeiro. Mais uma vez, um veículo de comunicação regional reproduz conceitos e contribui para sustentação de estereótipos a respeito da região amazônica:

Uma característica interessante das trilhas é a presença de pedras, em vários tamanhos. Ornando perfeitamente o lugar. Elas também servem de possíveis armadilhas para os desatentos. Medo? (Quase) Não se tem. Os guias conhecem milimetricamente o lugar, mas se divertem contando estórias de onça, sucuri, mãe da mata e mapinguari. E os viajantes sabem que é melhor nem pensar em lendas florestais (MIRANDA, 2001, p. 34).

A jornalista relata que os guias da região contam histórias de onça, sucuri e lendas da floresta, (re)criando, dessa forma, representações sobre a região. Assim, permanece a dicotomia paraíso-inferno, além dos conceitos de exotismo, diferença e falta de civilidade, que tanto contribui para a construção de lacunas e incompletudes sobre a Amazônia Sul Occidental.

5. Os indígenas



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Lembrados quando o assunto é Amazônia, os indígenas são constantemente citados nos meios de comunicação como sinônimo de incômodo e ameaça. No dizer de Márcio Souza (2015), esse inconveniente é fruto da desconstrução, por parte dos indígenas, do sentido de cultura criado pelos ocidentais. Os povos indígenas estão conseguindo apresentar os seus aspectos culturais, lutar pelos seus direitos e questionar políticos e autoridades que sempre os tiveram como inferiores. O autor diz que os povos indígenas são ameaçadores, da perspectiva do pensamento etnocentrista, porque estão no caminho do progresso, ocupando terras ricas em minerais ou por impedirem a expansão da frente econômica.

Por isso, alguns meios de comunicação insistem em tratá-los como intrusos e invasores. Na matéria “Em ato na cobertura do Congresso, índios pedem saída de Cunha”, publicada no dia 16 de dezembro de 2015, no *G1/DF*, percebe-se o quanto a presença indígena em Brasília causa desconforto não só aos políticos que estão sendo contestados, mas também aos próprios jornalistas.

A entrada no congresso nacional para protestar contra a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 215, que altera as regras sobre demarcação de terras indígenas, foi chamada pelo site de notícias de invasão. Os indígenas são tratados como obstáculos para o andamento natural das atividades do Congresso, são vistos como invasores. Tudo isso por tentar ocupar um espaço que não é atribuído a eles: “A invasão ocorreu pouco antes das 9h e não foi evitada por seguranças. A organização não soube informar quantos índios fazem parte do ato (...). Eles participavam do I Congresso de Políticas Indigenistas” (*G1/DF*, 2015, online).

A impressão negativa causada pelos povos indígenas não está relacionada com essa ação isolada de reivindicação, mas com os processos históricos que registaram os indígenas como selvagens e primitivos. O autor Durval Albuquerque Junior (2012) afirma que esse preconceito é também geográfico, pois alguns dos índios que estavam protestando contra a PEC são provenientes da Amazônia, local que também é visto sob o signo do atraso e do primitivismo:



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato de pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p.11).

Como forma de descredenciar o movimento indígena, o repórter faz uma associação curiosa na sequência do texto. No sétimo parágrafo da matéria, menciona que duas pessoas a favor da intervenção militar tentaram subir na cobertura do Congresso e participar da mesma ação junto com os indígenas. Sabe-se que o retorno dos militares ao poder não é consenso no Brasil, portanto, essa referência tem o intuito de relacionar dois movimentos e duas reivindicações completamente distintas, o que pode fazer com que o público leitor se oponha à manifestação contra a PEC por causa de uma associação equivocada:

Duas mulheres a favor da intervenção militar também tentaram subir na cobertura do Congresso, mas foram barradas pelas seguranças, dizendo que elas não estavam credenciadas no evento indigenistas. Elas reclamaram da situação, mas não houve confusão (G1/DF, 2015, online).

Esse exemplo serve para se compreender a resistência dos meios de comunicação de aceitar as culturas e os hábitos dos indígenas, optando muitas vezes por manter representações equivocadas a respeito desses povos e das causas por eles defendidas.

6. Considerações Finais

Um dos objetivos, neste trabalho, foi mostrar que o jornalismo precisa modificar alguns conceitos a respeito da Amazônia. Ele deve se distanciar dos processos de homogeneização, dos estereótipos, do conceito de exotismo e da dicotomia limitadora inferno verde/paraíso tropical.

É preciso pensar a Amazônia e sua gente como produtora de cultura, de linguagem, de pensamento. Essa porção de terra não é só distante, desconhecida e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

inspiração para criação de lendas, contos e romances, mas é, sobretudo, espaço de pluralidades culturais, de formas de resistência e multiplicidades.

O discurso tradicional que afirma ser a Amazônia uma região onde impera o atraso, a degeneração e a passividade constrói a noção de que esta terra sempre precisará ser dominada por “estrangeiros”, pois os autóctones nunca estarão aptos a fazer avanços e progredir sem a intervenção dos ‘de fora’.

Espera-se uma mudança do jornalismo na forma de narrar a Amazônia, suas culturas e suas gentes. Mas sabe-se que isso só será possível quando a região for desmistificada, observada sem os antolhos da hostilidade ou o manto de mistério, o que não constitui uma tarefa fácil, porque persistem representações sobre a região desde os primeiros cronistas de viagem que chegaram à Amazônia nos séculos XVI e XVII.

7. Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CAMPOS, Tatyana. **Acre avança no controle de malária**. Disponível em: <http://www.agencia.ac.gov.br/index.php/noticias/especiais/18795-acre-avanca-no-controle-da-malaria-.html>. Acessado em: 10 de abril de 2013.
- GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- G1/DF. **Em ato na cobertura do Congresso índios pedem saída de Cunha**. 16/12/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/12/em-ato-na-cobertura-do-congresso-indios-pedem-saida-de-cunha.html>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2016.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- _____. La cultura, los medios de comunicación y el efecto ideológico. In: CURRAN, J. et al. (Orgs.). **Sociedad y comunicación de masas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.
- HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: **A Brasilidade Modernista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **A invenção da Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- KRÜGER, Marcos Frederico. **Amazônia**: mito e literatura. Manaus: editora Valer, 2011.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Belém: Cejup, 1995.

MIRANDA, Mirla. Parque Nacional da Serra do Divisor. In: **Revista Amazônia S/A.** Rio Branco, nº1, ano 1, p. 31-34, junho-julho, 2011.

MUNIZ, Tácita. **Filhote de onça criado como gato por família no AC é resgatado pela polícia.** 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/02/filhote-de-onca-criado-como-gato-por-familia-no-ac-e-resgatado-pela-policia.html>. Acessado em: 19 de Fevereiro de 2016.

MURARI, Luciana. **Natureza e Cultura no Brasil (1870-1922).** São Paulo: Alameda, 2009.

NATANI, Rayssa. **Isolado em reserva no AC diz não trocar paraíso pelo inferno da cidade.** 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/12/em-ato-na-cobertura-do-congresso-indios-pedem-saida-de-cunha.html>. Acessado em: 17 de Fevereiro de 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de outra história: imaginando o imaginário.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v.15, nº 29, 1995.

VOZ DO NORTE. **Pescador que atirou em boto diz que quase foi encantado e fica perturbado.** 2013. Disponível em: <http://www.vozdonorte.com.br/jornal/index.php/homepage/ultimas-noticias/1427-pescador-que-atirou-em-boto-diz-que-quase-foi-encantado-e-fica-perturbado>.

Acessado em 24 de maio de 2013.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio.** Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SILVA, Laélia Maria Rodrigues da. **Acre: Prosa e Poesia 1900-1990.** Rio Branco. Ufac, 1998.

SOUZA, Márcio. **Amazônia indígena.** Rio de Janeiro: Record, 2015.